

# O prestígio de Baker pode ajudar o País. Mas os grandes bancos estão inflexíveis.

Um rumo favorável na renegociação da dívida externa brasileira pode surgir a partir de terça-feira próxima, data do encontro do ministro Bresser Pereira com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. A previsão é de um consultor de grandes bancos dos EUA, o prof. Riordan Roett, da Universidade Johns Hopkins, que ainda poucos dias atrás mostrava-se pessimista. Já entre os representantes de nove grandes bancos internacionais consultados ontem nos EUA pelo JT, apenas um demonstrou otimismo quanto às próximas negociações. Mas os outros, que se mostraram irritados, pediram que seus nomes não fossem revelados.

Até o anúncio da inesperada visita do ministro Bresser Pereira a Washington, esta semana, o prof. Roett previa a reclassificação e o rebaixamento da dívida brasileira, numa entrevista que deu ao **The Wall Street Journal**. Ontem, falando ao JT, em Nova York, estava mais otimista, embora dissesse, sobre o novo programa de renegociação da dívida, divulgado quarta-feira no Brasil: "Esse pacote é muito novo e ainda não se entende muito bem qual a proposta a ser feita. Mas isso representa um começo para uma conversa".

Os grandes bancos estão querendo conversar, segundo Roett. E o programa anunciado, dividindo a dívida em duas, e propondo para cada parte um caminho diferente, tem o mérito de servir de base para uma renegociação. Não há nenhuma menção de ida ao FMI, nem um gesto de boa vontade com o pagamento de US\$ 400 milhões, como estavam pedindo os banqueiros credores. Isso pode se tornar um problema?

## Interesse

O prof. Roett responde que "é preciso esperar o final das conversas entre o ministro Bresser Pereira e o secretário James Baker". Ele não nega que confie que algo vá acontecer: "Acho que as coisas podem mudar, e rapidamente, depois do encontro. É a primeira vez que o sr. Baker está demonstrando tamanho interesse no Brasil. Ele certamente terá pontos precisos que queira discutir com o ministro Bresser Pereira".

Mas o secretário Baker teria o poder de persuadir o Brasil?

"Não só o Brasil", responde Roett, "mas também a nossa comunidade bancária e as instituições internacionais. Uma palavra do secretário Baker pode ser realmente decisiva para todo o processo. Ele não pode decidir, mas poderá pelo menos indicar novos caminhos, novas linhas de negociação".

Porque o Brasil tem a "visível disposição de conversar", um dos nove grandes bancos internacionais consultados pelo JT disse que há motivos para otimismo, sem ter contudo feito um exame mais aprofundado do

programa para a renegociação, que Bresser apresentou antes de embarcar para Viena, de onde virá a Washington.

Mesmo para este banco isolado — cuja posição destoa das demais e que é membro do Comitê de Credores do Brasil —, "o plano parece um novo balão de ensaio, desses que o governo brasileiro vem soltando com frequência, e por isso não o levaremos muito a sério até o momento em que for realmente apresentado na mesa de negociações".

Um dos maiores bancos dos Estados Unidos não tinha uma posição oficial que pudesse assumir publicamente, até o final da tarde de ontem. Mas seu porta-voz respondeu à nossa consulta: "Tudo indica que adotaremos uma posição negativa sobre este novo plano brasileiro". Como disse um banqueiro, também anônimo, ontem, ao **The New York Times**: "O Brasil está construindo uma posição para a negociação que não o levará muito longe". Ao mesmo jornal, um funcionário do Banco Mundial também diria, sem se identificar: "Estou sentindo o cheiro de confronto no ar".

Um dos banqueiros ouvidos pelo JT declarou que "temo que daqui a pouco o confronto comece para valer".

## O Brasil garante?

Este banqueiro examinou o novo programa do ministro Bresser Pereira, como foi publicado no **The Wall Street Journal** e **The New York Times** de ontem, em que foram manchetes de páginas internas. E o que lhe chamou a atenção foi a garantia pretendida para a "dívida nova", a metade que seria transformada em títulos de longo prazo, com deságio de 25% a 30% em relação ao valor nominal dos empréstimos. E ele disse:

"O Brasil garante? O Brasil também garantiu que pagaria a dívida que agora está dividindo em duas. Fica uma pergunta: por quanto tempo o Brasil garante que garante?"

Que tipo de concessão romperia o impasse atual?

"Que rompa a moratória, fazendo um pagamento simbólico dos juros que não são pagos há mais de seis meses. O Brasil é um devedor que não paga e ainda está exigindo mudanças nas regras do jogo, especialmente depois que alguns bancos já absorveram enormes prejuízos".

Para este banqueiro, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, é quem pode "desarmar a bomba que está para estourar", quando o Brasil e seus credores sentarem em torno da mesa de negociações. "Ele é um político muito hábil, e com a saída de Paul Volcker da presidência do Banco Central dos Estados Unidos, há pouco tempo, tornou-se um dos homens mais poderosos da área econômica no mundo".

**Moisés Rabinovici,  
de Washington**